

Memórias da Desinstitucionalização

“Memórias da Loucura” consiste em 10 relatos que contam a história de pacientes em longo período de institucionalização e que retomaram a vida na cidade, em Serviços Residenciais Terapêuticos ou junto às suas famílias. Aqui apresentamos uma dessas histórias de vida. O texto é de Gisela Giannerini, assessora da direção do Instituto Municipal Nise da Silveira.

O Instituto Municipal Nise da Silveira é uma instituição datada do século XX que, orientada pelos preceitos da Reforma Psiquiátrica Brasileira, vem em franco processo de desconstrução asilar nas últimas décadas. Tendo como base as ações de desinstitucionalização, desde 2010 foram 272 pacientes em longo período de internação que passaram a novamente poder usufruir de uma vida em sociedade, seja através de Residências Terapêuticas ou do retorno ao convívio familiar. Nesse caminho, o Instituto participou também da saída de diversos serviços assistenciais para o território com a consequente qualificação do atendimento e cuidado em saúde mental. É por esta via que o trabalho de desconstrução da lógica asilar vem sendo gradativamente substituído pela ocupação de antigos espaços asilares, por projetos voltados para inclusão social através de atividades artísticas e culturais, lançando mão da Memória, Cultura e Formação para desconstruir antigos espaços e, ao mesmo tempo, construir novas histórias, práticas e sentidos.

J. chegou ao hospício aos 17 anos de idade e só saiu aos 61. Por décadas, nunca se soube de familiares ou pessoas próximas que pudessem falar de sua história. O que soubemos depois é que na ocasião do falecimento da avó, J. fora internado por uma tia e as outras irmãs separadas por outros destinos. Nunca mais tiveram contato.



A partir do testemunho pessoal em uma igreja feito por uma funcionária a respeito de seu trabalho no Instituto, uma mulher se levanta e conta a história do irmão desaparecido na juventude. Em um pedido de ajuda, essa senhora que desde seus 18 anos não via o irmão, passa as características pessoais do mesmo e a funcionária logo desconfia reconhecer de quem se tratava.

Após mais de 40 anos sem nenhum contato ou notícia, a família procurou a instituição esperançosa de encontrar a pessoa cujas características lembravam aquele irmão desaparecido. Com todo cuidado, a equipe recebeu essa senhora no Instituto para acolher essa história e verificar se era a mesma pessoa em questão. De longe, a senhora, absolutamente

emocionada, avista o irmão e afirma ter certeza de ser ele a pessoa que sumiu de suas vidas sem que soubessem qualquer paradeiro.

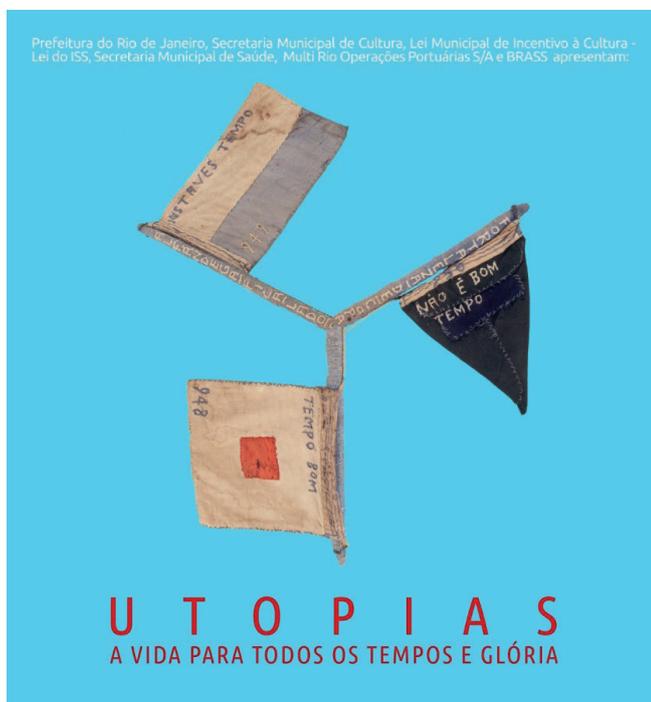
Do encontro, J. que não tinha ninguém, passou a receber a família inteira e a ter períodos de licença em casa. Essa irmã fala: nós fomos "família separada". Uma família cheia de afeto, de esperança e de dis-

ponibilidade em reconstruir com ele tudo que não puderam viver em todos esses anos. Após 44 anos seguidos de internação psiquiátrica, J. voltou para a casa de sua irmã aos 61 anos de idade. Sobre sua vida em família, a irmã fala que "está uma vida maravilhosa, tranquila, porque só de botar a cabeça para funcionar e o coração para pulsar, para mim é tudo."

Convite para a exposição Utopias: 'A vida para todos os tempos e glórias'

O museu Bispo do Rosário de Arte Contemporânea convida à exposição "Utopias: A vida para todos os tempos e glórias", com curadoria de Ricardo Resende e Diana Kolker. A mostra apresenta 50 obras de Arthur Bispo do Rosário, além de obras do Atelier Gaia, da chilena Pola Fernandez e das brasileiras Val Souza, Ercília Stanciany, Veridiana Zurita e de Seu Hernandes, participantes do programa de residência artística Casa B. A exposição vai contar ainda com a participação de 32 crianças que integram o projeto Clubinho da Mata, realizado pela Fiocruz Campus da Mata, ocupando a maior galeria do Museu e com o projeto Cine Taquara, por meio de uma parceria com o Ilumina Zona Oeste.

As Utopias são produzidas pela nossa capacidade de imaginar e criar, que se manifestam desde a infância. A imaginação é o que nos move, nos impulsiona, provoca a abertura para um campo de possibilidades antes inexistentes. Tudo o que não é natural é produto da capacidade humana de imaginar. A utopia é um ato de criação. A criação é uma ação utópica.", explicam Diana Kolker e Ricardo Resende.



ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO
ATELIER GAIA
CINE TAQUARA
CLUBINHO DA MATA
ERCILIA STANCYANY
HUGO DENIZART
POLA FERNANDEZ
SEU HERNANDES
VAL SOUZA
VERIDIANA ZURITA
curadoria de DIANA KOLKER E RICARDO RESENDE

Visitação 25 set de 2019 à 25 jan de 2020
terça à sexta e últimos sábados de cada mês
10 às 17h

MUSEU BISPO DO ROSÁRIO ARTE CONTEMPORÂNEA
Estrada Rodrigues Caldas 3400
Colônia Juliano Moreira, Taquara - Jacarepaguá
Informações: (21) 3432-2402
contato@museubispodorosario.com



SERVIÇO

Utopias: A vida para todos os tempos e glória

De: 25 de setembro de 2019 a 25 de janeiro de 2020

Horários: de terça a sexta e últimos sábados de cada mês, das 10h às 17h

Endereço: Estrada Rodrigues Caldas, 3400, Colônia Juliano Moreira

Taquara - Jacarepaguá

Informações: (21) 3432-2402

contato@museubispodorosario.com

Documentário ‘Imagens de dentro para fora de mim’ na Ocupação Ovárias

A Ocupação Ovárias é uma iniciativa cultural feminista que visa fomentar o protagonismo estético-político de mulheres. Voltada para a troca, reflexão e aprofundamento artístico feminino, o evento reúne um número expressivo de trabalhadoras da cultura que coloca em destaque a produção artística de mulheres na cena carioca. Abaixo publicamos o texto de Beatriz Brandão, pesquisadora do IPEA, sobre a exibição do documentário no Festival.



O documentário “Imagens de dentro para fora de mim”, do CAPS AD III Antonio Carlos Mussum, fala sobre o processo de arteterapia como experiência artística transformadora na política pública antimanicomial. O curta foi selecionado em primeiro lugar, entre mais de 350 inscrições, para ser apresentado no Festival Ovárias, que ocorreu em setembro no Centro Cultural Laurinda Santos Lobo.

“Ocupar é tornar o lugar capaz”

Há algum tempo li essa frase que muito deu sentido às minhas reflexões sobre lugares e suas ocupações. O que pensava era sempre em relação à ocupação de territórios por pessoas, mas com o documentário do CAPS AD III Antonio Carlos Mussum: “Imagens de dentro para fora de mim” - produzido e dirigido pela arte terapeuta Patrícia Gois - pude assistir a ocupação de indivíduos por sujeitos. Os observei produzindo e acionando a ocupação de

seus próprios corpos, tornando capaz seus feitos. Tornando-se, elas mesmas, seus próprios lugares, transmutando-se em pessoas que são também seus espaços e seus territórios. A capacidade de se ocupar estava apresentada e travestida de lugares-pessoas. E assim o eram por conseguirem se ocupar. Se nutrir de si mesmas.

Lembrei-me da resistência ativa e, mais fortemente, lembrei-me de Paulo Freire quando diz que devemos escutar as palavras, pois é a palavra que nos escreve. A escritura apalavrada guiou trajetórias silenciadas. Vidas mudas que se transmutavam em todas nuas.

Eles se deixaram escrever e serem escritos e, sobretudo, se reescreveram. Na palavra, nas cores, no pincel, no papel, nas tintas que os compõem. Me mostraram que não estamos sós ao tecer mapas afetivos, no poder radical das relações. Ao buscar formas estéticas se abriram ao prazer, na apropriação de seu tempo e superação de seus entraves. Fizeram seu próprio tempo. Tempo criador de mundo. Eram espaços vazios com ethos autoral, que detêm o espaço da espera. Habitavam em suas práticas.

Hoje eu vi a saúde, pude assisti-la em espetáculo, em arte, muito mais que mental. Assisti em atos que nenhum conceito os define ou consegue os reverberar, ainda que se tornem compreensíveis e até bonitos para nós. Palavras como redução, danos, mental, reforma não os alcançam, não dão conta de quem são. Eles me ensinam mais sobre saúde do que sobre conduzir ou diminuir. Expansão de vida e fôlego.

Hoje fui eu ocupada, me tornei mais capaz com eles.

Quem foi?

JULIANO MOREIRA



Juliano Moreira, um homem a frente de seu tempo

Juliano Moreira (1872–1933) nasceu na Freguesia da Sé, no Centro de Salvador. Seu pai era funcionário de iluminação pública e sua mãe trabalhava na casa do Barão de Itapoã, professor da Faculdade de Medicina da Bahia, que apadrinhou seus estudos e possibilitou a sua aprovação precoce para a Faculdade de Medicina aos 14 anos.

Como acadêmico, foi interno na cadeira de Dermatologia e Sifilografia, apresentou sua tese de conclusão de curso sobre a Etiologia da Sífilis Maligna Precoce, sustentando a hipótese da origem de uma forma de vida ainda não visível, um “micróbio”, antes mesmo da descrição do *Treponema pallidum* por microbiologistas alemães.

Juliano apresentou uma veemente refutação do argumento da relação do clima tropical e da raça negra com a malignidade e precocidade da sífilis e das doenças mentais. Alinhou-se às teses de Rudolph Virchow de que as condições de vida, higiene, doenças concomitantes, a fadiga ocupacional, as

diferenças entre as classes sociais e a pobreza seriam importantes fatores envolvidos com curso da doença.

Como membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia, participou de comissão que elaborou um relatório crítico sobre a situação do Asilo São João de Deus, quanto a insalubridade e a degradação de sua estrutura física.

Em 1896 foi aprovado com nota máxima para professor de Psiquiatria e Neurologia da Faculdade de Medicina da Bahia, com trabalho que abordou a intoxicação por arsênio. Em seu discurso de posse, denuncia o preconceito de seu tempo.

Durante muitos anos, foi colaborador e depois redator na Gazeta Médica da Bahia, onde publicou inúmeros trabalhos, exercendo um protagonismo intelectual em seu tempo. Obteve licença para viajar e realizar estudos na Europa, onde fez cursos e estágios sobre ensino clínico de doenças mentais na Alemanha com Paul Emil Flechsig, sobre a arquitetura dos asilos e atento para a formação de profissionais de enfermagem.

Permaneceu na Faculdade de Medicina da Bahia até 1902, quando, desencantado com o ensino e a assistência em Psiquiatria em sua terra natal, resolveu mudar-se para o Rio de Janeiro. A sua inquietação diante do marasmo e da acomodação da vida acadêmica baiana, e as aspirações pelas reformas que testemunhou na Europa, finalmente o fizeram afastar-se de Salvador e, por indicação de José Joaquim Seabra, foi nomeado para a direção do Hospício Nacional de Alienados entre 1903 e 1930.

O conhecimento e a criatividade foram então colocados a serviço da humanização do tratamento, retirando as grades das janelas e acabando com o aprisionamento dos pacientes. Sempre confrontando o pensamento racista, Juliano Moreira combateu a ideia de que a miscigenação seria um dos fatores das causas das doenças mentais. Durante sua viagem à Itália, buscou dados que lhe permitissem

sustentar a afirmação de que a questão racial não seria um fator de degenerescência.

Dermatologista, sanitarista, psiquiatra, neurologista, em confronto com o racismo de seu tempo, esse intelectual negro viajou o mundo como um dos cientistas brasileiros a conquistar maior prestígio internacional, recebeu todo tipo de honrarias e é considerado o fundador da Psiquiatria moderna no Brasil. Em seu momento histórico, seu legado foi reconhecido com uma profusão de inaugurações de hospitais psiquiátricos com seu nome em todo o País.

Ainda em sua gestão, como resposta à superlotação do Hospital Nacional de Alienados, empenhou-se na criação das novas colônias de alienados no Engenho de Dentro e em Jacarepaguá. No entanto, a chegada ao poder de Getúlio Vargas em 1930 levou ao seu afastamento por meio de um decreto do governo provisório que o exonerou da Direção Geral da Assistência aos Psicopatas do Distrito Federal.

Retirado em Correias para tratamento de tuberculose, Juliano Moreira faleceu em Petrópolis em maio de 1933, marcando a história da psiquiatria brasileira.

Como definiu o amigo e discípulo Afrânio Peixoto: “Juliano Moreira, médico da razão doente, foi mestre da razão sadia” e sua contribuição à ciência e à cultura brasileira, ao rejeitar as teses do racismo científico, vai muito além do seu tempo histórico e serve para inspirar novas gerações.

“Sou um homem que vivo e morro contente porque deixo em vocês os continuadores de minha missão de trabalho.”

Juliano Moreira



Sede do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira